



O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de P. Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 rs. por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 rs., nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

De maravilhar parecerá, que quando ahí tanto se queixam de que o governo quer esmagar a imprensa, e que não he possível sustentar hum periodico, venhamos nós a campo tentar fortuna: todavia nada tem isso de maravilhoso. Assentamos, que alguma coisa devíamos fazer por nosso paiz; temos meio de vida honesto, mas temos tempo de sobra: entendemos que o devíamos empregar do modo que fosse mais vantajoso para nossos concidadãos, e escolhemos este. Quanto ás difficuldades, com que temos de lutar, não nos são desconhecidas; poron julgamos que se esta nossa publicação valêsse a pena, favor encontraríamos no publico, com que poderemos arrostar todos os embaraços; se porem nossas palavras não acharem sympathias dentro em pouco o conheceremos, e então nos retiraremos. Já se sabe que esperamos agradar, e assim ter longa existencia: o resultado decidirá se nos enganamos.

Emprehendemos esta publicação não para dizer coisas novas, mas para dizer coisas uteis: colheremos quanto sobre nossos interesses politicos e materiaes podermos colher, e lhe ahí iremos dando publicação. De tudo trataremos, porque privilegio he de periodiqueiro ser encyclopedico: sciencias, artes, litteratura, noticias nacionaes e estrangeiras, tudo entrará em nossas columnas. E como não temos pretensões a dizer coisas novas, por isso mesmo muitas vezes copiaremos o que encontrarmos de bom. Cuidamos que assim melhor servimos a nossos leitores. De ordinario não podem os artigos de huma folha, feitos ao correr da penna, ser tão perfectos, como os que se acham em obras, cujos autores trataram ex-professo de certas materias.

E por isso mesmo que de tudo pretendemos tratar, admittiremos em nossa folha qualquer communicado ou correspondencia, que tenha em vista interesses geraes, ou mesmo particulares. Mas que

estejam ligados com os publicos, com tanto que venham em estilo decente, e revestidos da responsabilidade que a lei exige.

Por enquanto, limitamos a publicação a duas vezes por semana: emprehendida de repente, faltamos recursos para maior trabalho por agora. Tendo porem tomado já algumas medidas, esperamos brevemente poder dar maior desenvolvimento a este trabalho. O acolhimento que tivermos do publico, he quem a este respeito nos ha de resolver.

O NOSSO PROGRAMMA.

Vendo o primeiro numero deste nosso periodico, quererão logo nossos leitores saber quaes são os principios, que pretendemos sustentar, e quaes os que teremos de combater; ou em trocos mais miudos, se seremos ministerial ou da opposição. E não he muito facil informar o publico de huma coisa tão facil. Se se entende por ministerial aquelle que hypotheca seu voto cegamente ao ministerio, desde já declaramos que não somos ministerial. Somos governista, porque geralmente fallando governo he synonymo de ordem: soffre esta regra suas excepções, e já em casa as tivemos; já tivemos ahí ministros, que nos quizeram levar a cacete; mas isso são abortos, que raras vezes apparecem: a regra he sempre que o governo quer a ordem, e por isso somos governista; porque queremos ordem, suppondo-a a primeira necessidade do paiz. Sem ordem não ha paz, não ha liberdade, não ha prosperidade; sem ordem longe de adiantarmos regressaremos para muito longe do ponto da partida.

Ora sendo governista, declaramos que lá temos nossas sympathias ao ministerio actual. Desde muito conhecemos os cidadãos que o compoem, que não tem ahí vivido no canto, mas todos são desde muito homens publicos, e seus precedentes nol-os abonam. Demais porem tem elles dirigido os negocios publicos de modo que não he possível deixar de ter-lhea

afeição. O maior abismo que se apresenta diante dos olhos daquelles que attentam sobre o estado das coisas publicas, he a horrorosa desproporção entre nossa receita e nossa despeza. Todos os ministerios anteriores reconheceram essa grande causa de nossas desgraças; mas nenhum até hoje tinha tido a coragem de tentar dar remedio a essa chaga: a economia era a panacéa para que todos appellavam; e o corpo legislativo vendo o socego dos ministerios tambem dormia somno tranquillo. Ministros houve que por vezes tentaram despertal-o desse lethargo; mas tudo era baldado.

O gabinete actual tem seguido outra vereda. — A economia não basta, proclamou elle: a economia he hum grande auxilio; a fiscalisação na receita he hum grande auxilio; o ministerio está resolvido a empregar efficazmente hum e outro meio; mas hum só, e mesmo os dous não bastam: he preciso crear receita. — E depois de assim dizer ao corpo legislativo, o gabinete tem empregado todos os esforços para que a receita seja creada. E ao mesmo tempo tem procurado diminuir a despeza por meio da mais severa economia, propondo até o cerceamento de despezas pessoais; tem procurado fiscalisar com o maior escrupulo todos os canaes por onde entram ou sahem os dinheiros publicos.

Quando outros factos não tivessesmos, este fora bastante para termos muita affeição ao gabinete actual; e por consequencia mais inclinado seremos a elogial-o, que a vituperal-o.

Daqui poren não se deduza que em tudo e por tudo lhe prestaremos apoio: não: ajudal-o-hemos, quando dahi resultar utilidade para o paiz, ou quando da marcha contraria lhe recearmos males. Mas se entendermos que são precisas censuras, censuras lhe faremos: porque o bem publico nos fez lançar mão da penna; imos pelear pelo bem publico; por consideração nenhuma o preteriremos. Apoiaremos os ministros como representantes do ente moral — governo —, e por consequencia como primeiro mantenedor da ordem publica: mas se os ministros longe de promoverem a ordem promoverem a desordem, então deixam de representar o tal ente moral, e por consequencia não devem mais gozar das prerogativas de ministro.

Sabemos bem que ha de causar estranheza que appareça hum periodico que não vem malhar como em ferro frio em hum ministerio que conta seis mezes de existencia. Entre nós tem vogado muito a maxima de adorar o sol no seu nascimento, e apedrejal-o no seu occaso. Mais natural era que desde já fizessemos o nosso protesto, senão de formal opposição, pelo menos de decente censura, que em breve daria naquella. Mas nós nem sustentamos

nem combatemos individuos; dirigimo-nos aos principios: se alguma vez fallarmos dos effeitos será para remontarmos ás causas; e por isso pouco nos importa que o gabinete conte muito ou pouco tempo de existencia; que seu futuro prometta ser muito ou pouco duradoiro: em regra o sustentaremos; e quando outro o substituir nos não envergonharemos do que houvermos feito, por que nossas doutrinas não hão de variar, quando variarem os homens; serão sempre as mesmas. Somos governista, repetimos: fortificar o governo he nosso fim: este e todos os governos.... em quanto representarem e promoverem a ordem publica, porque senão não, como dizia o Sr. Coelho Bastos, e alguem antes delle.

Contem pois os ministros com hum auxiliar (fraco he elle, mas cada qual dá o que tem) em quanto invariaveis seguirem a estrada da lei e do bem publico; mas contem tambem com rigido censor, se aberrarem deste caminho. Asseguramos-lhe porem que no caso de que algum dia julgemos prejudicial a sua conservação no poder, nem nos ligaremos a actual opposição do senado nem á da camara dos deputados; a aquella porque a repütamos representante dos principios por que se peleejou em Santa Luzia; a esta porque ainda lhe não vimos arvorada bandeira, por onde conheçamos suas cores. Nunca pertenceremos a hum partido, cujas opiniões estão em embrião para serem desenvolvidas segundo as occurrencias.

Repetimos: poderemos algum dia fazer decididamente opposição; mas ligar-nos a qualquer das duas, que hoje conhecemos, a huma será impossivel, a outra será difficil; porque será preciso que vejamos seus principios enunciados com precisão, e seguidos inalteravelmente.

Expendendo assim a maneira por que pretendemos dirigir-nos na redacção desta nossa folha, julgamos escusado dizer que buscaremos apoiar sempre o estabelecimento e desenvolvimento de tudo aquillo que servir para mais arraigar no Brasil o systema monarchico constitucional. A monarchia he huma necessidade do Brasil; a constituição huma necessidade do seculo. Erra completamente, entendemos nós, o que pensa de outro modo. E se dissemos que somos governista, porque entendemos que em regra governo he synonymo de ordem, como deixaremos de ser monarchista? A monarchia he hum dos artigos fundamentaes da constituição; e não vimos nós destruir a constituição do paiz; pelo contrario vimos sustental-a.

OS PARTIDOS.

Huma das coisas mais importantes em hum paiz, que se rege por huma forma de governo como a

nossa, he a discriminação dos partidos, sobre tudo daquelles, que tem órgãos nas camaras, ou com mais exactidão daquelles, cujos órgãos professam a descoberto suas doutrinas: e esta discriminação se faz pelos principios, que são professados por seus corifeus. O governo representativo traz consigo a opposição, não que a opposição lhe seja essencial, como alguém tem avançado, o que em nosso entender seria hum perfeito absurdo, mas porque nos immensos diferentes modos de ver os objectos, he moralmente impossivel que muitos homens os vejam todos da mesma maneira. E porque tem sido admittido, como principio deste systema, que o poder se ganha na tribuna; e tambem he moralmente impossivel encontrar assembléas de individuos com tal abnegação, que nenhum aspire a huma pasta, ou que tanto reconheçam o merito dos que as occupam, que se não julgue alguém mais habilitado para ellas, a opposição he companheira inseparavel do governo representativo.

Entre nós pois ha partido ministerial; todos o sabem, porque sem elle não se sustentaria o ministerio: e tambem ha opposição; o que tambem ninguém ignora, porque para o saber basta lançar os olhos ao *Jornal do Commercio*. O que quer o partido ministerial facil he sabê-lo, por que tendo o ministerio apresentado o seu programma, os representantes da nação, que defendem o ministerio, parece que se deve entender que seguem esse programma. Talvez assim não seja; mas o supponmos, por que razão nenhuma temos para suppor o contrario. Era preciso suppor má fé nos ministros, e má fé ou ignorancia nos deputados e senadores, que os apoiam, o que nos não atrevemos a conceber.

Quantos á opposição, vemos duas muito distinctas; huma no senado, e outra na camara dos deputados: porque he certo que em ambas ellas ha individuos, que votam contra o ministerio; mas tambem he certo que hum pensamento commum os não dirige.

A opposição no senado tem tomado por thema defender as rebelliões de Minas e S. Paulo; e fazendo ali seu ponto de apoio, he dahi que dirige seus tiros ao ministerio. Debalde lhe dizem os ministros, que não devem responder pelo que fizeram seus antecessores, e debalde lhe mostram que a lei pune os réos daquelles crimes: vozes se levantam da opposição, que não se contentando com atenuar o crime, ousam mesmo erigil-o em virtude, e atacam aquelles, que não fazem mais, do que receber o que acharam.

He de certo admiravel, que no seio da primeira corporação do estado, no seio de hum corpo, que deve ser por sua natureza conservador, vozes se te-

nam erguido para defendêr rebelliões: mas o facto alli está, e contra factos não valem racciocínios. A rebelião com mão armada tem sido elogiada, tem sido proclamada, como movimento generoso, como justo direito de resistencia: os gritos desordenados de huma diminutissima fracção de duas provincias, tem-se querido proclamar-os em grito nacional, e dito que a elles deveram ter cedido os ministros de então, e ceder os ministros de hoje. Palpavel contradicção! Em quanto nos dizem, que não houve rebelião, por que não houve vinte mil almas comprometidas, querem que tenha havido movimento nacional, para se mudar a politica do estado!

He no seio do senado Brasileiro, que estas vozes tem sido ouvidas!

Tem isto sido o ponto cardeal da opposição do senado, que nas leis annuas ella não tem empenhado debate, ou se algum de seus oradores tem tomado a palavra, tem-se limitado a tão poucas e tão generosas observações, que nem tem sido notado.

Na camara dos deputados existe opposição, mas outra, mui differente nas maximas que apregoa. Pelo que até hoje tem avançado não he possivel suppor de modo algum ligação entre esta e a opposição do senado; pelo contrario a opposição dos deputados tem sempre estigmatizado as duas rebelliões, que aliás tem achado defensores no senado. A opposição da camara dos deputados arvorou huma bandeira, e foi a das economias, bandeira de que logo desertou. Todos os que attentam nos negocios publicos viram que para essa opposição a economia era apenas pretexto; e com effeito logo que o ministerio entrou depididamente nessa carreira, que faria parte do seu programma, a opposição arripou carreira, e combateu aquillo mesmo que tinha apresentado como maxima invariavel.

No mais ainda até hoje ninguém soube o que quer a opposição da camara dos deputados. Ao menos a do senado he mais consequente nisso: he a opposição de 1837 a 1840, a que subio ao poder em julho, mas que ella descendo oito mezes depois, recorreo ás armas para o reassumir, pois que para ella todos os meios são legitimos, desde as assuadas e vozerias nas praças, até o combate no campo da batalha. A opposição da camara dos deputados tem outro caminho muito differente; combate o ministerio, mas só por combatel-o, e não por que tenha principios certos, determinados e fixos, que queira ver seguidos pela administração. Grita contra os desperdícios, mas quando se lhe pergunta, quaes elles são, repete o que tem dito, e não apresenta hum só facto. Grita contra o patronato, mas pergunta-se-lhe quem são os afilhados, que tem merecido as graças do poder sem que as mereçam; re-

pete ainda o que tem dito, e hum só facto não apresenta. Declamações são as armas com que tem combatido todos os membros da opposição, alguns tem descido ás injurias, e até á calúnia.

E de passagem o diremos, lamentamos bem que a opposição assim perca seu tempo, por que nem aproveita a si nem ao paiz. Em quanto ella não arvorar huma bandeira, que sign invariavel, não pode ganhar sympathias, e o paiz só verá immoderado desejo de subir ao poder. Ora na opposição figuram individuos, em quem reconhecemos prestimo, e que tomando melhor direcção poderiam esclarecer as discussões, e assim dar algum proveito.

Temos pois partido ministerial e de opposição; mas este subdividido em opposição, o que podemos chamar antiga, que sustenta os principios derrotados parlamentarmente em 1837, que he a opposição do senado; e opposição nova, que he a da camara dos deputados, a que não podemos achar principio caracteristico mais que o desejo de combater os ministros, talvez por espirito de contradicção, talvez por desejo de subir ao poder. Huma união entre essas duas opposições por em quanto, he impossivel. Hum ministerio, em que figurasse o Sr. Hollanda ou o Sr. Paula e Souza não teria certamente o apoio do Sr. Ferraz, do Sr. Urbano, ou do Sr. Pacheco, e viceversa.

A conclusão a deduzir do que deixamos expellido, e que não he mais do que a exacta narração do que ali se passa, he que por em quanto não he possivel a formação de qualquer ministerio, que não seja este mesmo, ou outro, que tenha os principios deste. Será possivel nomear novos individuos; mas estes não diversificarão essencialmente dos actuaes. Gabinete porem tirado dos chefes das opposições actuaes, isso não he possivel, pois que o lado actualmente ministerial o não apoiaria, e a opposição actual de huma camara não apoiaria os ministros tirados da opposição da outra camara.

Estamos muito longe de suppor, que he possivel parlamentarmente por agora a queda do actual gabinete: nossas reflexões e palavras são só para melhor fazer conhecer o estado dos partidos nas camaras.

PROCESSO DOS SENADORES.

Appareceu emfim o parecer das commissões do senado, relativo aos processos dos senadores Alencar, Vergueiro, Feijó e Ferreira de Mello. O Sr. Feijó he pelas commissões considerado cabeça de rebellião, e como tal são de parecer que contra elle continuo o processo; não assim contra os mais, que não consideram cabeças.

Não podemos bem dizer se o parecer da commis-

são é ou não razoavel, admittida a differença entre autor cabeça, e autor não cabeça; não temos presentes os processos, e não emitiremos opinião temeraria. O parecer foi a imprimir, para depois entrar em discussão. Quando terá esta lugar? e quando se chegará á sua conclusão? Desde já vemos a opposição empenhar todas as suas forças, seus oradores tomarem a palavra infinito numero de vezes, e assim demorada a decisão do negocio por muitos dias, porque esses discursos não hão de ficar sem resposta: os membros da commissão hão de defender a sua obra.

E agora ouviremos novamente elogiar essas rebelliões de S. Paulo e Minas: agora terá o Sr. Hollanda occasião de elevar ás nuvens a generosidade desses corações, que não duvidaram empunhar as armas proclamando mil embustes, para que não fossem executadas essas leis, que tinham passado pelos tramites legais.

E o Sr. Feijó está em S. Paulo. Quando virá para responder, se o senado decidir que o seu processo deve continuar? Só por curiosidade de ver essa defeza desejariamos que o senado se decidisse pela continuação.

PAPEL DE BANANEIRA.

Em a sessão de sabbado discutiu-se e aprovou-se na camara dos Deputados hum projecto concedendo privilegio de dez annos e isenção do serviço da Guarda Nacional a seis operarios a huma fabrica de papel de bananeira, que se pretende estabelecer na Bahia. Em geral somos avesso a privilegios, que concorrem muito para embaraçar os melhoramentos. Em dez annos no progresso, em que vai o mundo, e em que se vai desenvolvendo o espirito de associação entre nós, quantas fabricas se poderão ter estabelecido, e quantos progressos terá feito esse genero de industria, que agora se acha em começo. Se nosso thesouro se não achasse nos apuros, em que se acha, queriamos antes que a taes impetrantes se fizesse o emprestimo de alguns contos de réis sem juros, com boas fianças para o restituir nos prazos marcados. As posições anormaes tem este grande inconveniente: por todos os lados apparece huma má face.

A isenção do serviço aos seis homens tambem nos parece má. Se o serviço da Guarda não he necessario, ou he pouco, bem podem elles servir: e se he muito necessario, então não pode ser dispensado. He caso que nos parece devia ser deixado ao arbitrio do governo.